

ANTIGUIDADE E RELIGIÃO  
DAS ESTÁTUAS

por

ANTÓNIO PEREIRA DE FIGUEIREDO

PREFÁCIO E NOTAS DE

*J. A. Ferreira de Almeida*

I PARTE

## P R E F Á C I O

O P.<sup>e</sup> António Pereira de Figueiredo (1725-1797), cuja humilde origem o não impediu de tornar-se um dos grandes eruditos portugueses do século XVIII, deixou obras numerosas e variadas; uma parte foi impressa durante a sua vida, outra ficaria inédita e encontra-se actualmente, quase toda, na Academia das Ciências (A). Religioso da Congregação do Oratório, foi um teólogo e latinista consagrado, sócio da Academia Real das Ciências desde 1779, colaborador do Marquês de Pombal na luta pela supremacia do poder real nas suas relações com a Igreja, deputado da «Real Mesa Censória» (1768), oficial maior de línguas da Secretaria do Estado dos Negócios Estrangeiros e de Guerra, etc., etc. (B). Mais conhecido pela tradução da Bíblia Sagrada, segundo a Vulgata, editada inúmeras vezes até aos nossos dias, deixou entre os inéditos a Lusitania Sacra, valioso trabalho para a história da Igreja em Portugal, e muitos opúsculos e livros teológicos. Latinista emérito, deixou na mesma várias obras para o ensino do português e do latim, como o Novo Método de Gramática Latina, (com dez edições até 1797) e algumas análises críticas relativas a temas filológicos e literários. A história religiosa e a história nacional também mereceram a sua atenção, embora fosse como erudito teólogo que a sua fama atingiu mais nível (a Tentativa Theologica... foi traduzida em várias línguas).

Ora entre as suas produções inéditas encontrava-se uma que nos atraiu a atenção, como documento de interesse para a história da cultura portuguesa do século XVIII. Intitula-se Antiguidade e Religião das Estátuas e pertence à Biblioteca Pública de Évora. Até pela raridade das nossas obras setecentistas dedicadas a matérias de arqueologia artística, se tornaria digno de publicação.

Trata-se do códice  $\frac{CXI}{2 - 12}$  da Biblioteca Pública de Évora que, segundo a referência de Joaquim Heliodoro de Cunha Rivara e Joaquim António de Sousa Telles de Mattos, é o próprio original, retocado pelo autor (C).

Aí traça um quadro da escultura antiga, sem qualquer prurido manifesto de apreciação estética, para a qual, decerto, lhe faltaria preparação ou capacidade. A informação foi buscá-la aos autores da Antiguidade, historiadores e eruditos (a Plínio, sobretudo) ou aos grandes trabalhos de Johann Friedrich Gronov e de Johann Georg Graevius, entre muitos, como Ezechiel Spanheim ou Josephus Justus Scaliger, sem falar do Léxico de Suídas e doutras não menos famosas compilações e produções da erudição clássica dos séculos XVI a XVIII, como acentuaremos nas anotações finais. Trabalho de erudito e não de arqueólogo; o conhecimento das obras de arte é indirecto: sabe delas apenas por descrições ou gravuras publicadas em livros e não consta que tivesse visitado museus e colecções de estátuas antigas. Mas neste campo de erudição também revela notáveis falhas: ignorou obras fundamentais publicadas a tempo de lhe servirem e largamente divulgadas (D).

Tais defeitos não impedem, porém, que o manuscrito seja um bom documento de certo tipo de erudição, exprimindo uma característica forma de cultura.

As obras desta espécie possuem muitos dados de interesse para o historiador da cultura ou de arte, assim como são índice da história do gosto ou das ideias.

Ainda há poucos meses foi publicado o livro de Félix da Costa, *Antiguidade da Arte da Pintura*, pela «Yale University Press», com introdução e notas de George Kubler (E). A importância da publicação de trabalhos desta natureza, quase todos inéditos ou hoje praticamente desconhecidos, já foi acentuada muitas vezes (F): a história da arte não se faz apenas através dos monumentos; entre nós, as colecções documentais, como as de Sousa Viterbo, ou as publicações de outros textos relativos às artes ou aos artistas, como as que empreendeu o Prof. Doutor Manuel Lopes de Almeida no Arquivo de Bibliografia Portuguesa, ou as que, anteriormente, foram devidas à benemérita Imprensa da Universidade de Coimbra (Subsídios para a História da Arte Portuguesa), vieram prestar inegáveis serviços aos estudiosos, reunindo uma soma de informações de permanente utilidade. Colecções como as Sources and Docu-

ments in the History of Art Series, cuja publicação decorre actualmente, dirigida pelo Prof. H. W. Janson da Universidade de Nova Iorque (G), são prova do interesse científico que estes documentos possuem.

Quanto ao texto que editamos, consta de seis capítulos, precedidos de uma dedicatória, e foi decerto redigido como uma «explicação» da estátua de D. José, «more erudito.» Há neles certo desequilíbrio e os dois últimos revelam uma acentuada precipitação, talvez imposta pela urgência de terminá-los num prazo curto: parece-nos até que o capítulo final não chegou a ser acabado. A origem e a evolução da estatuária antiga, os temas, as técnicas, os artistas, foram passados em revista, assim como a significação religiosa e política de que esteve investida. A tudo faremos o adequado comentário nas «anotações».

A extensa dedicatória é o panegírico empolado e servil do rei D. José, com bastas pinceladas de adulação ao Marquês de Pombal. Talvez por isso mesmo a obra não tivesse sido dada à estampa; a licença para a impressão é de 3 de Outubro de 1776 e o rei morreria em 24 de Fevereiro de 1777. Os ventos mudaram e os colaboradores directos do odiado ministro não encontrariam decerto um ambiente propício à publicação de tais páginas (H).

Na transcrição do manuscrito modernizámos o emprego das maiúsculas, suprimindo todas as que o A. pròdigamente usara e que não se encontram abrangidas pelas normas oficiais. A ortografia foi respeitada, com excepção de um ou outro lapso da pena; a pontuação e a acentuação só foram corrigidas quando tal se tornava absolutamente necessário, para esclarecer o sentido ou para evitar dificuldades ao leitor. As citações de autores latinos ou outros e as indicações bibliográficas, que no original se encontram incluídas no próprio texto, foram colocadas no rodapé das respectivas páginas e numeradas seguidamente; apenas se deixaram ficar as citações que fazem parte integrante do período e do qual não podem ser desligadas.

Algumas vezes as notas de pé de página completam ou emendam a passagem a que se referem.

Até onde foi possível, corrigiram-se ou completaram-se as numerosas citações: o A. procedeu algumas vezes a uma autêntica «compressão» dos textos alheios (I). Não foi pequeno trabalho o de des-

---

*cobrir as passagens citadas, tantas as omissões ou as insuficiências de informação bibliográfica. Basta comparar os títulos das obras tais como são indicadas no manuscrito e a transcrição que fizemos dos mesmos, com a fidelidade requerida em publicações desta espécie.*

*Os comentários e anotações críticas serão publicados na segunda parte deste trabalho, a sair no próximo número da Cale.*

## NOTAS

(A) V. *Catálogo das obras impressas e manuscritas de Antonio Pereira de Figueiredo*, atribuído ao académico F. M. Trigoso (Lisboa, 1800). Escreve Inocêncio Francisco da Silva: «As suas obras inéditas, e outras igualmente importantes, foram compradas pela Academia Real das Sciencias em cuja livraria se conservam autógrafas». (*Dicionário*)... I, 223-4).

(B) V. as «Anotações», da segunda parte deste trabalho. Os dados biográficos respeitantes ao P.<sup>o</sup> António Pereira de Figueiredo já estão bem elucidados e encontram-se expostos em qualquer dos grandes dicionários enciclopédicos portugueses (*Portugal, Grande Enciclop. Port. e Brasil., etc.*)

(C) *Catálogo dos Manuscritos da Bibliotheca Publica Eborensis*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1870. — III vol., pág. 448: «Antiguidade e religião das estatuas, por António Pereira de Figueiredo. Cod.  $\frac{CXI}{2-12}$  1 vol. fol. Original, retocado pelo A.» É um volume encadernado em pano, com rótulo de carneira preta na face da pasta superior da encadernação, em que se lê, em caracteres dourados: ANTIGUIDADE E RELIGIÃO DAS ESTATUAS/B. P. EVORA. Contém: I-IV fls. em branco + 83 fls. manuscritas (a fl. 21 v.<sup>o</sup> e 22, em branco) + I-IV, em branco. Dim. da fl.: 350 × 222 m/m.

(D) Desconhecia, entre outras, as obras de Winckelmann, como a *História de Arte Antiga*, publicada em 1764 ou os *Monumenti Antichi Inediti* (1767-68), cujas perspectivas originais vieram revolucionar as concepções correntes sobre a arte clássica, grega e romana. E nem se pode alegar a sua ignorância da língua alemã, porque algumas obras de Winckelmann já haviam sido traduzidas para o francês alguns anos antes: *Lettres sur les déconvertes d'Herculanum au comte de Brühl* (1762) e a *Histoire de l'art chez les anciens* «traduit par Sellius, redigé par Rolinet», Amsterdam — Paris, Saillant (1766). Também não se compreende a ignorância de alguns trabalhos franceses que lhe dariam boa cópia de informações, como os sete volumes do *Recueil d'antiquités égyptiennes, étrusques, grecques, romaines et gauloises*, do conde de Caylus (2.<sup>a</sup> edição, 1770) ou *L'antiquité expliquée et représentée en figures* de Dom Bernard de Montfaucon, obra monumental de quinze volumes *in-folio* (1719-1724), ou ainda a obra de Cochin e Bellicard, *Observations sur les antiquités d'Herculanum... avec quelques réflexions sur la peinture et la sculpture des anciens* (1757).

(E) *The Antiquity of the Art of Painting*, by Felix da Costa. Introduction and Notes by George Kubler. Translated by George Kubler, George L. Hersey, Robert F. Thompson, Nancy G. Thompson, and Catherine Wilkinson. New Haven and London, Yale University Press, 1967.

(F) *The exceptional rarity of such writings...* (Kubler, obs. cit. p. VII).

(G) Prentice-Hall, Inc., Englewood Cliffs, New Jersey. Num dos volumes já publicados, *The Art of Greece, 1400-31 B. C.*, editado pelo Prof. J. J. Pollitt da Yale University, encontram-se muitos dos textos utilizados pelo P.<sup>o</sup> António Pereira de Figueiredo, assim com em trabalhos fundamentais como o do Prof. Rhys Carpenter: *Greek Sculpture. A critical review*. The University of Chicago Press, 1960.

(H) No ano anterior e aproveitando o ensejo oferecido pela inauguração do monumento a D. José, o P.<sup>o</sup> António Pereira de Figueiredo publicara nada menos de três folhetos alusivos ao acto solene:

1) *O Dia/das tres/Inaugurações/Breve Discurso/sobre/a/Regia Fundação/do dia VI. de Junho de M.DCC.LXXV./Dirigido/ao/Illustrissimo, e Excellentissimo/Senhor/Conde de Oeyras,/Gentil Homem da Camara/Del Rey Nosso Senhor,/e do Serenissimo/Principe da Beira,/e Presidente do Senado de Lisboa./ Lisboa/na Regia Officina Typografica./Anno M.DCC.LXXV./ Com Licença da Real Meza Censoria (10 pgs.). Termina por um: Epigramma/Statua/Josephi Lusitani/Cum Statua/Memnonis Aethiopici/Comparata/ (10 versos).*

2) *Parallelo/de Augusto Cesar,/e de/Dom José/o Magnanimo/Rey de Portugal./Seu Author/A. P. F./Lisboa/Na Regia Officina Typografica./Anno MDCCLXXXV./ Com Licença da Real Meza Censoria (36 pgs.).*

3) *Josephi Magnanimi/Lusitanorum Regis/Statua Vocalis/Auctore/Antonio Pereria Figueiredo/Regiae Curiae Censoriae Decenviro Ordinario/et/Regis Ipsius Ab Epistulis Latinis/Olispone/Ex Typographia Regia/Anno MDCCLXXV./Cum facultate Regiae Curiae Censoriae (62 pgs.).*

(I) Entre os muitos casos desse género aponto apenas um: na nota n.<sup>o</sup> 32 vem referida uma passagem de Arnóbio, transcrita pelo P.<sup>o</sup> Ant.<sup>o</sup> Pereira de Figueiredo: *Lapis quidem non magnus coloris furvit atque atri, indolatus et asper, et simulacro faciem minus expressam praebens*. Ora o original é o seguinte: «*nisi lapis quidam non magnus, ferri manu hominis sine ulla impressione qui posset: coloris furvit at que angulis prominentibus inaequalis: & quem omnes hodie ipso illo videmus in signo oris positu, indolatum, & asperum, & simulachro faciem minus expressam simulatione praebentem*».